

Lembranças

*Do Joãozinho
ao João Antônio*
Lourenço Diaféria

Uma certa manhã, numa reunião da Bienal Nestlé de Literatura, Iraty Ramos, que então presidia a Fundação Nestlé de Cultura, aproximou-se de um rapaz baixote, um pouco atarracado, de olhar firme e ao mesmo tempo cordeiramente cordial, disse:

— Este é o João Antônio. Já se conhecem?

Mais do que o João Antônio, eu conhecia bem era o Jacarandá, uma de suas primeiras criações.

Iraty Ramos dirigia a Fundação Nestlé da Cultura com brilho e descortino. Tinha a sabedoria de delegar a assessoria cultural do evento a duas figuras com trânsito fácil e competência nos círculos literários e suas adjacências: Ricardo Ramos e João Antônio. Os dois eram a alma invisível, mas real, do sucesso das Bienais de Literatura.

Estou seguro de que Iraty Ramos gostaria de estar aqui, nesta noite, porque foi ele uma das pessoas que descobriram a capacidade do Jacarandá de ser, além de afinador da arte de chutar tampinhas, uma espécie de chama viva a iluminar o rosto e aquecer o coração dos leitores. João Antônio garantia às bienais de literatura um quê jovial de chorinho e batucada.

Iraty Ramos não se encontra presente porque, amanhã, submete-se ao bisturi de delicada intervenção cirúrgica no Instituto do Coração. Mas é bom esclarecer que ele foi um dos primeiros inspiradores desta série de homenagens ao inventor do Jacarandá e de outros maravilhosos bichos da mesma espécie humana. Naquela

manhã da apresentação o escritor João Antônio vestia-se com proverbial elegância, terno completo, calça, colete, paletó, barba feita com gilete azul, rosto escanhado, perfume de gardênia. João Antônio fazia boa figura. Mas, mesmo sem querer, ele fazia de sua elegância e de sua aparência bem-comportada o contraponto da malandragem natural e sobrenatural de suas criaturas esfoladas pela lâmina da desproteção social.

Daí em diante não mais perdi o João Antônio de vista. Ou melhor, o perdi de vista, mas não o afastei do pensamento. Quando queria reencontrá-lo, não carecia ir longe. Ele estava, e está, todo, embora fragmentado, em cada uma de suas histórias. Porém, quando queria sentir a respiração dos cenários onde transitou, agarrado a seu lírico rancor, agarrado a seu lúdico humor, bastava descer a Pompéia e imaginar o “Beco da Onça”, bar e armazém do pai do João, o João Antônio Ferreira, português de Trás-os-Montes, casado com uma mulata carioca, bonita, forte, nutrida, luminosa, chamada Irene Gomes. O bar-armazém ficava na rua Caiovas — como o povo do bairro pronuncia —, ou Caiová. Seu pai havia sido funcionário do frigorífico Armour, no bairro de Presidente Altino, onde morava a família, o que explica que a primeira professora do filho Joãozinho, então com 5 anos, tenha sido dona Cecília, tia escola da rua Erasmo Braga, também em Presidente Altino.

A infância e juventude de João Antônio transcorreram a maior parte na Zona Oeste paulistana, embora também tenha vivido um pouco na Mooca, Zona Norte. Pode-se dizer que foi um período tranquilo do ponto de vista do menino; mas o pai, figura curiosíssima, teve altos e baixos econômicos e financeiros; uma desastrada sociedade numa pedreira, no Morro Grande, levou dele tudo o que conseguira com anos de labuta; somente não o arruinou em definitivo porque foi socorrido por amigos e parentes. Ou, mais que isso, foi socorrido por uma fibra incomum; e foi socorrido, especialmente, porque seu Antônio Ferreira vinha de uma família

em que o engenho, a arte e o sonho se mesclavam e lhe davam asas para voar acima do rés do chão. Quem conheceu o pai do Joãozinho se lembra de que ele foi um exímio tocador de banjo e cavaquinho, além de emérito cultivador de orquídeas; ele as conhecia tanto pelo nome vulgar como pelo nome científico em latim. O próprio Joãozinho diria, mais tarde, que seu pai tinha uma sabedoria lírico-botânica.

Outro tio de Joãozinho, seu Antônio, também músico, chegou a fazer parte da banda do Quartel de Bagé, no Rio Grande do Sul, desbancando a fama musical dos concorrentes, a maioria de descendência italiana. E entre os outros quatro tios e a tia Maria — hoje, ainda viva, com 80 anos —, talvez para dar um toque poético-religioso à saga do Joãozinho, quero lembrar a figura do tio-padre Benjamim dos Anjos, da congregação dos padres passionistas, que, com uma única perna, posto que a outra lhe foi amputada em consequência de uma queda de cavalo, quando ia atender ao chamado de uma enferma, na cidade de Colombo, no Paraná, continua a exercer seu trabalho pastoral na cidade paulista de Osvaldo Cruz, tio esse que me deu, há poucas horas, um depoimento sobre o sobrinho Joãozinho, que acho oportuno deixar para o fim deste pequeno depoimento.

Padre Benjamim dos Anjos é quem vem celebrar em São Paulo a missa de réquiem em memória das criaturas que foram a selva da estrutura sentimental de Joãozinho: sua mãe, Irene, e sua avó materna, Nair, ambas falecidas no espaço de apenas uma semana, esta última despedindo-se do mundo com 93 anos. Com a morte da mãe e com a morte da avó Nair, o morro do Wilson, que o Joãozinho só chamava de morro da Geada, não tinha mais razão de ser. Ele se transformaria numa grande depressão e num depósito de cascalhos de saudades.

João Antônio cresceu entre violões, cavaquinhos, banjos, alaridos de copos e perfumes de acepipes, entre eles os fantásticos

bolinhos de bacalhau preparados com mãos de fada por dona Irene, atraindo as mais finas sensibilidades da Zona Oeste.

O João Antônio tem uma frase que não foi escrita em vão: “Se a rua é escola, o bar é uma universidade”. Mas é fundamental entender o botequim como um estado de espírito. O pai do João Antônio criou esse estado de espírito quando inventou o bar Gambirinos (não sei dizer se esse bar ficava na rua Conselheiro Ribas ou na rua Bartolomeu Paes, mas sei que o bar ficava na Vila Anastácio). Ali bebia-se e se beliscava o suficiente para acrisolar a conversa, e abrir aquele espaço de silêncio contrito para que das cordas nascessem *O primeiro amor*, de Patápio Silva, ou a *Marcha turca* de Mozart, tocadas pelo próprio dono do bar. Da roda participavam entre outros Djalma Conceição, que morreria tuberculose, e Alfredo Deak, hoje coronel reformado da Polícia Militar, com escritório de advocacia na praça João Mendes.

E havia também a presença constante de um rapaz, chamado Emeric, filho de húngaros, que a tudo assistia, e antecipava que o menino silencioso, respeitoso, o Joãozinho, mais dado a ouvir do que a falar, um dia ia ser escritor. Não que o garoto tivesse estrela na testa. Era um menino comum, nascido na maternidade Pro Matre, na parte paga, ou seja, na parte dos meninos com sorte e berço. Foi registrado no cartório como bacuri comum mas registrado no Bexiga, que na época era bairro mais malandro do que hoje, porque tinha os derradeiros bondes e os derradeiros batedores de carteira.

Depois o menino foi fazer o curso primário no Externato Henrique Dias, na rua João Ramalho, aluno de dona Albertina, e a gente misturando isso tudo, um pouco Perdizes, um pouco Bela Vista, um pouco Vila Anastácio, um pouco Presidente Altino, um pouco Vila Jaguara, e muito da Lapa de Cima e da Lapa de Baixo, tinha de acabar dando no que deu: o escritor dos párias e dos enjeitados urbanos, como definiu o rapaz Emeric, que corrigiu as primeiras histórias escritas pelo garoto Joãozinho, escritas em papel

de embrulho a lápis, histórias que Joãozinho tirava das esquinas, da porta dos botequins, tirava do ver, do meditar, do ler, do observar, tirava de dentro de si mesmo.

“Escrevo de dentro para fora”, diria um dia João Antônio. É verdade. João Antônio emprestou às personagens que criou os olhos, o coração, os poros, a respiração. Emeric, mais velho que o João Antônio, foi uma espécie de tutor do Jacarandá contemporâneo do Meninão do caixote, acompanhante da paixão por uma japonesinha que deu origem ao conto *Fujie*, e, de certa forma, representou um pouco as rédeas que tentaram refrear as arremetidas juvenis do garotão que ia descobrir os cafetões, as cafetinas, o submundo das calçadas e dos desvãos da zona do meretrício delimitada pelas ruas Itaboca e Aymorés.

João Antônio percorreu todos esses caminhos. Emeric tentava convencê-lo a estudar Filosofia, Direito. João Antônio foi cursar o ginásio no Colégio Campos Sales, deu uma trumbicada na matemática, tirou algumas notas altas e algumas notas baixas em latim; em português, nem era o melhor da classe. No mesmo colégio, na Lapa, concluiu o curso de Magistério. Mas foi o curso da vida que lhe ensinou a afinada perícia de chutar tampinhas com a ginga que o consagra. Conclusão: hoje o companheiro mais velho, Emeric Lévy, é desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo; mas, quando garra a falar do Joãozinho que conheceu, esquece as leis, os tratados, os acórdãos, e sua voz se faz trêmula, e concorda num ponto: João Antônio seria um péssimo desembargador. E, ainda que fosse um excelente desembargador, as ruas da cidade teriam perdido seu fiel, apaixonado e compassivo intérprete e narrador. A malandragem jamais o perdoaria.

Tão malandro foi João Antônio que morreu sem avisar, sem ficar doente, sem deixar recado na portaria, enganando todo mundo, fazendo a gente de otário, de bobão, de ninguém, de porcaria. E a gente mal teve tempo de dizer na cara dele o quanto ele foi

safado partindo assim de repente, e o quanto ele continua sendo amado ainda que tendo partido assim.

Aqui, neste salão, esta noite, há uma mulher que conheceu o Joãozinho como se conhece o pé de avenca no quintal de casa. É a Lúcia Mirian. O pai e a mãe do João Antônio batizaram uma irmã da Lúcia Mirian, na igreja de São Geraldo, nas Perdizes, a mesma igreja onde repousa o sino que tocou avisando a independência do Brasil. Os pais da Lúcia Mirian eram compadres dos pais do João Antônio. Quando a casa do João Antônio pegou fogo, e torrou os originais de seu conto mais famoso, o lugar primeiro onde João Antônio foi lastimar a desgraça foi a casa da Lúcia Mirian. Ao Lou-rival, marido de Lúcia, foi dada, como cordial depositário, parte da cordoalha dos instrumentos musicais salvos do fogo na casa sinistrada. Lúcia Mirian entendeu mais que ninguém como doíam as dores em João Antônio. E entendeu, como uma irmã que João Antônio não teve, o significado de todo livro do escritor, todos, sem exceção, serem dedicados ao filho Daniel Pedro. Não lia prova de amor maior do que essas dedicatórias que ficam para a imortalidade além do papel impresso.

Um dia, a mãe da Lúcia Mirian disse: — Filha, pára de chamar o João Antônio de Joãozinho. Ele agora é escritor famoso.

Era mesmo. Mas toda vez que o João Antônio ia almoçar, ouvir um violão na casa da Lúcia Mirian, tirar uma pestana, arrematar uns tragos, ele voltava a ser o Joãozinho. Um Joãozinho igual ao Malagueta, ao Perus, ao Bacanaço, que tendo iniciado a via-sacra pelos bilhares da Zona Oeste, a partir do Bar Celestino, nas portei-ras do bairro, varam a noite, engolem a madrugada, e por fim amanhecem, um resto de lua, um começo de sol, ansiando apenas pelo carinho de um café fiado.

O tio-padre Benjamim dos Anjos, 70 anos, me disse esta coisa singela: “Aprendi muito com o João Antônio. Ele conversava

com jactância. Dizia as coisas que a gente gostava de ouvir; nem parecia que ele estava ensinando coisas”.

Esse João Antônio era mesmo esperto. Conseguiu levar na conversa até o tio dele padre. Imaginem as coisas que ele deve estar inventando agora, lá no lugar onde se escondeu de nossos olhos, mas jamais conseguirá fugir de nossa lembrança.